


JOURNAL OF
GLOBAL STUDIES

ISSN 1518-1219

<http://www.meridiano47.info>**Rogério de Souza Farias**University of Chicago, Center for Latin
American Studies, Chicago, United States
(rofarias@gmail.com). ORCID ID:
orcid.org/0000-0001-6678-0984**Copyright:**

- This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.
- Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



Biografia como método nas Relações Internacionais: uma abordagem voltada para o ensino

Biography as method in International Relations: an approach towards Teaching

DOI: <http://dx.doi.org/10.20889/M47e18011>

Meridiano 47, 18: e18011, 2017

Resumo

A pedagogia do ensino de Relações Internacionais no Brasil está em um estágio incipiente. Este artigo busca dar uma contribuição a esse campo ao apresentar o método biográfico como uma forma oportuna de apresentar aos estudantes de graduação os conceitos centrais da disciplina.

Abstract

The pedagogy of the lecture of International Relations in Brazil is at an incipient stage. This article main objective is to contribute to the field while presenting the biographical method as an opportune manner to show undergraduate students the key concepts of the discipline.

Palavras Chaves: Biografia; Pedagogia; Ensino de Relações Internacionais.

Keywords: Biography; Pedagogy; Teaching International Relations.

Recebido em 29 de Dezembro de 2016

Aprovado em 22 de Fevereiro de 2017

“(...) [S]em ‘personalia’ não se faz história nem se inicia ninguém nas intimidades da bibliografia que se deva procurar para exato conhecimento do passado, seja qual for o critério por que se considere esse passado”.

Gilberto Freire

Introdução

A emergência de cursos de graduação em Relações Internacionais no Brasil engatinha na dimensão pedagógica. Há, ainda, pouca reflexão acadêmica sobre as atividades de ensino, em especial sobre métodos e técnicas eficientes em transmitir conhecimento aos alunos. O volume da Meridiano 47 dedicado a

este assunto, portanto, é pioneiro. Este artigo busca dar uma modesta contribuição nesse domínio, ao demonstrar a o potencial das biografias na sala de aula.

O artigo inicia com uma exposição da biografia, desde o momento em que servia meramente como apologia até sua progressiva mudança de status como método das ciências sociais e da história. Essa transição foi conduzida dentro de um contexto mais amplo de diminuição do papel das estruturas sociais, políticas e econômicas como mecanismos explicativos das transformações humanas. O trabalho segue examinando como o campo específico das Relações Internacionais trata a biografia. Isso é desenvolvido pelo exame da teoria das relações internacionais americana e da história diplomática francesa. Os dois campos foram constituídos, na segunda metade do Século XX, como áreas avessas ao uso da biografia como método de compreensão da política internacional. Nas últimas décadas, contudo, essa situação evoluiu de forma diversa.

O Brasil é tema da seção seguinte. A biografia nunca caiu em desuso no país, mas não se desenvolve dentro dos quadros disciplinares mais sofisticados da área de relações internacionais. Ainda que não exista exame empírico sobre o assunto, biografias provavelmente ainda são poucos utilizadas nos cursos de graduação. Este trecho do artigo lançará hipóteses sobre a razão dessa limitação e oferecerá, ao final, uma sugestão de caso para utilização em sala de aula.

A ascensão e declínio

François Rosset aponta a biografia como exercício de superação do constrangimento do tempo. Todos humanos caminham para a morte. O biografado, ao contrário da grande massa, não é condicionado pelo fim melancólico da inexistência. Sua vida projeta-se para o futuro, geralmente pelas “conquistas, descobertas, invenções, obras e grandes feitos”.¹ Pelos registros arqueológicos, é observável o interesse de sociedades antigas em perpetuar a imagem de pessoas específicas para a posteridade. Em muitas, havia responsáveis diretos pela atividade de preservação da memória desses atores. A hagiografia, entendida como relato apologista de uma vida, por muito tempo foi quase um sinônimo da biografia. No século XIX, com a emergência da história como disciplina acadêmica, contudo, foi natural certo afastamento com relação ao gênero. Como bem indica Alexandre de Sá Avelar, “nem sempre a biografia foi vista como uma forma legítima de conhecimento histórico”.²

O afastamento também foi consequência da emergência e do uso disseminado de teorias com alto nível de abstração que pretendiam explicar as transformações do mundo de acordo com categorias como classes, partidos e raças. Segundo Karl Marx, “Não é a consciência do homem que determina sua existência, mas, pelo contrário, sua existência social que determina sua consciência”. Já Émile Durkheim argumentou que “o indivíduo é dominado por uma realidade moral maior que ele mesmo — a realidade coletiva”.³ A biografia, nesse contexto, foi acusada de ser trivial e responder a perguntas

1 Rosset: 2008, 11.

2 Avelar: 2015, 123.

3 Apud Elder-Vass: 2010, 1.

pouco generalizáveis. Ela acabou progressivamente abandonada na academia. Repercutindo essa posição, em setembro de 1999, o professor Stanley Fish atacou, no *New York Times*, a biografia como “minúcias sem significado”.⁴

Patrice Gueniffey, em sua recente biografia de Napoleão, afirmou que o método biográfico não é suscetível ao acúmulo de conhecimento por ser ao mesmo tempo uma reconstituição e uma reinterpretação. Não existe biografia definitiva. Certo ponto de vista tem fundamento. Cada obra biográfica oferece diferentes interpretações e não são necessariamente falseáveis. Estamos, talvez, diante de várias lentes distintas de ver o mundo.⁵ A cumulatividade tornou-se sinônimo de ciência, daí a dificuldade da história em encaixar-se no movimento geral da expansão acadêmica. O que Gueniffey indica, no entanto, é que o conhecimento histórico, mesmo não-cumulativo, é meritório e igualmente relevante. Do ponto de vista acadêmico, as pressões para elevação da “produtividade” também tiveram impacto. Por demandar tempo e dedicação, muitos pesquisadores preferiram a utilização de métodos quantitativos ou abordagens positivistas ou interpretativas de análise, relegando a biografia ao campo da anedota e de não-especialistas.⁶

Essa situação, contudo, não perdurou. Iniciando na década de 1970, ocorreu uma “virada biográfica” (*biographical turn*) ou subjetiva (*subjective turn*) nas ciências sociais e na história. Foi uma transformação paradigmática como resposta ao positivismo, ao determinismo, ao estruturalismo e ao funcionalismo. Reclamava-se das disciplinas de ciências sociais e de história por terem se afastado da “realidade vivida”. Criaram-se métodos focados na constituição de discursos e identidades que pudessem empoderar os que estavam nas margens da historiografia e, assim, não tiveram suas narrativas registradas de forma adequada — parecendo, desse modo, peões de forças estruturais. Outro desenvolvimento foi a fragilização de categorias de análise como classe, família e comunidades profissionais, que anteriormente ancoravam identidades de forma mais rígida.⁷

Ainda que, no início dessa transição, tenha ocorrido ojeriza às estruturas sociais, atualmente já existe a percepção de superação dessa “oposição estéril entre o singular e o coletivo”. Nesse entendimento, a nova abordagem não se interessa pelo indivíduo em sua singularidade. O entendimento, assim, deve-se voltar para tipos sociais, “atribuindo significados, conexão causal, tipicidade”, deixando de ser “mera descrição detalhada”. Nesse contexto, a “biografia representa o poder de interseção da história, das estruturas sociais e dos indivíduos”.⁸

O movimento de renovação foi fortalecido na década de 1980, com uma geração de pesquisadores inicialmente trabalhando em métodos de história oral. Além disso, houve expansão do interesse editorial no tema, o que possibilitou a expansão de áreas correlatas — como a autobiografia. Esse avanço ocorreu dentro de tradições editoriais e acadêmicas pré-existentes. Assim, enquanto na Alemanha o renascimento deu-se com um aparato metodológico mais sofisticado, a abordagem

4 Apud Leckie: 2004, 1.

5 Gueniffey: 2015, 7.

6 Roberts: 2015, 11-2.

7 Ruskin: 2000, 33.

8 Bertaux: 1981; Chamberlayne, Bornatet *al.*: 2000; Kochuyt: 2005, 125; Meizoz: 2008, 6; Merrill e West: 2009, 17 e 27; Ruskin: 2000, 42; Wengraf, Chamberlayneet *al.*: 2002, 247.

britânica enveredou mais sobre o tema relações de poder e foi fundada em entrevistas.⁹ Hoje, fora do Brasil, a pesquisa biográfica está “firmemente estabelecida nos cursos de graduação e pós-graduação sobre métodos qualitativos”.¹⁰

Não se trata, portanto, de um retorno à mera hagiografia ou às biografias mundanas, alvos da crítica de Stanley Fish. Isso não exige a discussão de questões fundamentais, a mais importante sendo quando a utilização do método é oportuna. Para Michael Ruskin, “*Unless it can be shown that individuals make a difference, that they have effectivity, there will in the end seem little to be gained from studying the social world from a biographical point of view*”. Essa, contudo, é uma visão muito radical. Se compreendermos que uma determinada personalidade teve uma vida interessante que, por si só, merece ser apresentada com um fim lúdico, outras preocupações não são necessariamente importantes. Muitas vezes, por exemplo, o interesse pode estar não na ligação com a trajetória geral, mas na compreensão de situações desviantes, dos *outliers*. O estudo desses casos nos ajudam a compreender melhor a complexidade da sociedade. Mesmo assim, é essencial compreender a natureza distinta, pois, caso contrário, poderemos julgar como regra situações claramente minoritárias.¹¹

Situação diversa ocorre quando, por intermédio de uma vida, desejamos compreender tipos sociais. Nesse caso, é necessário compreender a relação entre o nosso objeto imediato de estudo e o grupo mais amplo. Naturalmente, temos de saber as características da população global que estamos interessados e compreender se o exercício biográfico pode ser útil. A questão da amostragem, nesse contexto, é extremamente relevante. Há, aqui, um choque de culturas metodológicas. Por um lado, os quantitativistas apontam para a conexão de representatividade entre a população delimitada e a amostragem sobre a qual estamos trabalhando. A validade, a confiança e a generalidade dependeriam dessa relação. A literatura sobre *surveys* é interessante para estudar algumas limitações das biografias. Os defensores do método biográfico, por sua vez, não questionam esses aspectos, mas apontam como, a despeito da sofisticação quantitativa, há problemas epistemológicos de fundo, como o fato de se partir da premissa que estamos lidando com uma realidade objetiva e mensurável. Uma abordagem interpretativa e biográfica questiona um objeto real a ser apropriado. É, dessa maneira, mais cética, preferindo apresentar a realidade social como “ambígua, sem clareza, fragmentada e descontínua”. Uma cultura metodológica qualitativa tende a relevar experiências mais complexas, e possibilidades de compressão do papel de múltiplas variáveis algo que o método biográfico permite explorar.¹²

Biografia e Relações Internacionais

E como o método biográfico pode ser apresentado na disciplina de Relações Internacionais? Infelizmente, não há um estudo que sistematiza a literatura sobre a questão. Temos, portanto, de

9 Wengraf, Chamberlayne et al.: 2002.

10 O'Neill, Roberts et al.: 2015, 2.

11 Meizoz: 2008, 4; Ruskin: 2000, 46; Merrill e West: 2009, 106-7.

12 Kochuyt: 2005, 126; Kohli: 2005-60; Merrill e West: 2009, 104-8.

formular uma genealogia introdutória e, sem dúvida, rudimentar. Nos principais textos da disciplina, não se examina a biografia como método de forma explícita. O nosso foco, desse modo, deve se voltar para compreender o papel que os indivíduos desempenham nas correntes teóricas em termos de agência, indicando, por intermédio desse atalho, o papel que a biografia como método pode exercer.

O campo acadêmico de Relações Internacionais foi constituído após a Primeira Guerra Mundial e teve como foco primordial a compreensão da guerra. Nas primeiras décadas, os arcabouços teóricos eram rudimentares, havendo certa ambivalência na defesa da tese que o indivíduo tinha relevância na política internacional. E. H. Carr, em um texto fundacional do campo, afirmaria que a crise dos anos 1930 “*too overwhelming to be explained merely in terms of individual action or inaction*”.¹³ Já o volume publicado por Hans J. Morgenthau, em 1948, que tem como preocupação central o tema poder nas relações internacionais, utiliza analogias com indivíduos para construir sua teoria — uma tradição, aliás, antiga no pensamento realista em relações internacionais. Ele releva o papel dos grandes decisores “*(...) who, when they appear as representatives of their nation on the international scene, wield the power and pursue the policies of their nation*”.¹⁴

O realismo clássico, como principal teoria de relações internacionais, dessa forma, apresentava o papel do homem de Estado como relevante. Essa situação mudou radicalmente com a emergência do neorealismo, expresso na obra *Theory of International Politics*, de Kenneth Waltz. Utilizando fundamentos da cibernética, da microeconomia e da teoria de sistemas, o autor conseguiu desenvolver uma visão de relações internacionais extremamente parcimoniosa, mas que removeu o processo decisório e o papel do indivíduo no funcionamento do sistema internacional — ele repetidamente indicou que sua teoria não buscava explicar a política externa dos Estados. Esse movimento em direção à abstração ocorreu dentro de um desenvolvimento mais profundo do Estado na segunda metade do século XX. Se, antes, a ação estatal poderia se resumir a um conjunto limitado de atores na alta hierarquia em um processo decisório linear, a burocratização crescente que levava a complexos procedimentos e resultados impessoais. Nesse novo ambiente, era simplesmente mais fácil eliminar a decisão e a escolha; a resultante poderia ser simplesmente assumida, sem perscrutar o processo de deliberação, os atores e as decisões.¹⁵

O neorealismo centralizou os debates na área de relações internacionais por duas décadas. Mas não se pode afirmar que inexistiram abordagens paralelas minoritárias nas quais o exercício biográfico pudesse ter importância. Um campo teórico que se expandiu particularmente na década de 1960, nesse sentido, foi o de análise de política externa. Essa literatura dividiu seu foco em três tipos de unidades decisórias: líderes, grupos e coalizões. Nesses três âmbitos, “quem” age tem grande influência sobre o processo — daí a renovada relevância da biografia.¹⁶

13 Carr: 1946, 40.

14 Morgenthau: 1948, 74. Ver capítulo sobre a política de prestígio. No tema do impacto da natureza humana sobre o pensamento realista, ver Freyberg-Inan: 2004.

15 Ver trabalho inicial de Waltz, particularmente sobre a terceira imagem Waltz: 2001 [1959], 159-85. Sobre a transição do tema processo decisório na teoria de Waltz, ver Bessner e Guillhot: 2015, 107-9. Estes autores criticam a tese de que a teoria de Waltz teve como fundamento epistemológico a microeconomia.

16 Hermann, Preston *et al.*: 2001. Sobre a constituição do campo da análise da política externa, ver Hudson: 2007, 3-36.

Um trabalho fundacional do uso da biografia na análise das relações internacionais foi o trabalho de Alexander e Juliette L. George sobre a relação entre Woodrow Wilson e Colonel House.¹⁷ O autor demonstra, com uma análise biográfica-psicológica dos dois atores, como aspectos relacionados à personalidade de cada um afetaram a condução da política externa dos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial. A forma que os autores conceberam a iniciativa, em termos metodológicos, serviria para várias gerações futuras:

*(...) while an understanding of relevant personality factors is requisite to an understanding of any man's political action, it is important always to bear in mind the situational context in which the individual operates. Personality traits of leaders, in short, do not alone "determine" events. They are a part — frequently an important part — of the causal picture. A leader's personal values, motives and dispositions shape his perception of the situations which confront him, and his definition and evaluation of the choices of action open to him. The external situation in which a political leader functions, however, necessarily defines and delimits the field upon which his individual traits can gain expression.*¹⁸

Esse trecho deixa claro como a abordagem biográfica dos autores apresentava a ação do indivíduo dentro de marcos estruturais de constrangimento. Não havia, portanto, nem o homem de Estado poderoso e que guia o aparelho militar-diplomático sem constrangimentos e tampouco indivíduos escravizados por constrangimentos estruturais e sistêmicos.

E como se desenvolveu o tema na academia francesa? A questão deve ser observada diante de três gerações de estudos. A primeira foi influenciada pelo cataclismo da Primeira Guerra Mundial, quando a diplomacia secreta de alianças conduziu a um conflito de proporções sem precedentes até aquele momento. Lucien Febvre, o historiador que propulsionou a *histoire totale* e foi um dos criadores do periódico *Annales d'histoire économique et sociale*, foi crítico da abordagem tradicional da história diplomática. Na nova tradição, a biografia tornou-se obra pouco científica. Havia a preferência pela complexa rede causal de sociedades, intelectuais, religiões, psicologia e fatores econômicos. De acordo com Laurent Villatte, isso ocasionou um paradoxo, com os atores centrais da política externa estrangeira francesa sendo estudados predominantemente por estrangeiros. Essa situação, no entanto, progressivamente mudou. Os primeiros sinais deram-se nos programas de pós-graduação, com várias teses de doutorado na França tendo como método a biografia. Posteriormente, vieram estudos teóricos de maior envergadura, como o de René Pillorget, publicado em 1982, e, em 1999, a contribuição de Guillaume Piketty. Seguindo um modelo próprio, salientava-se uma abordagem com influência da história administrativa, social, de mentalidades e, principalmente, das relações internacionais, examinando o lugar do indivíduo em uma rede de relacionamentos atingindo família, amigos, corpos administrativos, associações e partidos. O objetivo, era formular “*Une histoire quotidienne et matérielle de la politique étrangère*”.¹⁹

17 George e George: 1964.

18 George e George: 1964, xxii

19 Febvre: 1992 [1953], 60-7; Piketty: 1999; Pillorget: 1982; Villatte: 2003.

A biografia no Brasil

E como evoluiu o campo biográfico, no Brasil, particularmente no campo da política externa? A primeira contribuição foi publicada em 1843 na Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, sobre José Bonifácio.²⁰ Ela tinha duas dimensões que caracterizariam a produção intelectual da época. Primeiro, era extremamente apologista e laudatória, em uma tradição de louvor dos homens de Estado. Segundo, era sobre um dos personagens que concentraria parte predominante das análises biográficas do futuro. Com efeito, em um levantamento de 438 referências até 2015, observamos que quinze personalidades (de José Bonifácio a Rui Barbosa) são responsáveis por quase 60% da literatura, a maioria com a vida profissional no Século XIX e na República Velha. Isso significa que o uso da biografia para melhorar nossa compreensão sobre a interseção entre o Brasil e o mundo no plano das relações exteriores é altamente enviesada para o período mais longínquo. Poucos são os trabalhos que se voltam para personagens mais contemporâneos – mesmo as dezenas de trabalhos publicados nos últimos anos.

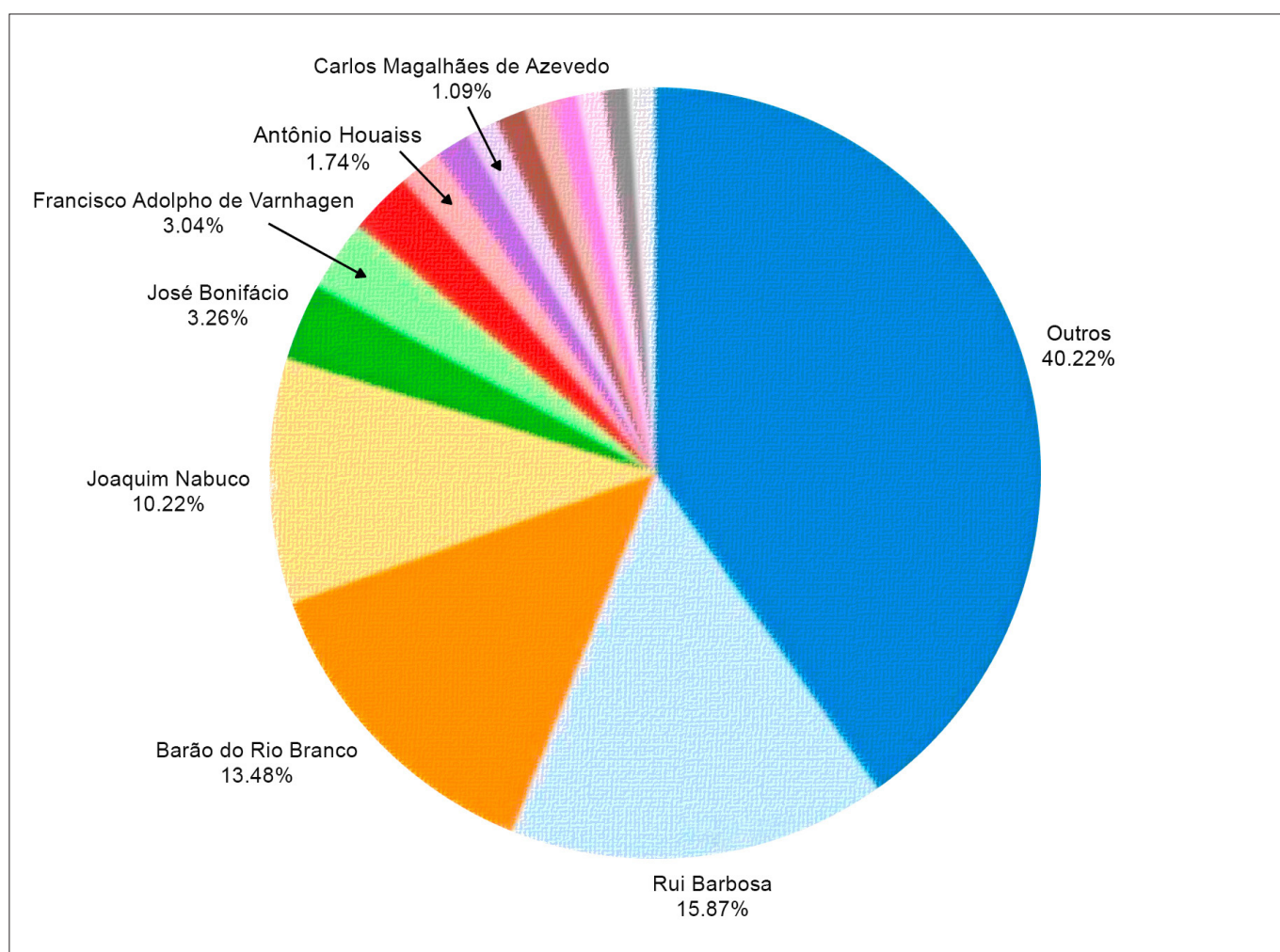


Gráfico 1: Distribuição das referências biográficas sobre atores da política externa brasileira.

²⁰ Maia: 1846.

O que explica tal discrepância? Uma boa hipótese é a expansão na publicação de volumes de memórias e, em especial, o crescente número de histórias orais de personalidades que atuaram na política externa brasileira após a década de 1930. Neste particular, desde a década de 1970, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) notabilizou-se com um sério programa de história oral. Muitas dessas entrevistas foram editadas e, posteriormente, transformadas em livros de memórias de excelente quantidade. Diante da oferta desse material, há menos incentivos para pesquisadores dedicarem atenção ao gênero biográfico.²¹

Outra questão é o baixo número de trabalhos – uma média de menos de três por ano, englobando categorias como memórias e entrevistas de história oral e contando livros, artigos, capítulos de livros e comunicações seriadas. Podemos, aqui, apresentar duas hipóteses complementares. Primeiro, como campo em constituição, a área de Relações Internacionais emulou o desenvolvimento dos grandes centros de produção científica – particularmente Reino Unido, Estados Unidos e França. Nesses ambientes, até o final da década de 1990, como observado acima, a biografia estava em franco declínio. Tanto as *forces profondes* da historiografia francesa como a abordagem nomotética das ciências sociais anglo-saxãs privilegiavam linhas de pesquisas generalizadoras.²² O salto de biografias nos anos 2000, assim, decorre de efemérides (como o centenário da posse do Barão do Rio Branco como ministro das relações exteriores) e da explosão de periódicos na área de história do que propriamente uma expansão da área de relações internacionais. Não necessariamente ocorreu uma reestruturação metodológica. A segunda hipótese deriva do desenvolvimento específico da disciplina no Brasil. Em um campo em que os marcos globais ainda estão para ser desenvolvidos e articulados, é natural que a produção científica se volte para questões mais gerais. Antes de cogitar redigir uma biografia sobre o Marquês de Santo Amaro, por exemplo, há mais incentivos para estudar a política externa brasileira no Primeiro Reinado.

Como a biografia pode ser utilizada na sala de aula?

Analisamos, acima, o declínio e o renascimento do método biográfico e como o gênero desenvolveu-se no Brasil. A questão central do ponto de vista do ensino das relações internacionais no Brasil é como a biografia pode constituir um recurso pedagógico de grande utilidade na sala de aula. Devem-se destacar duas dimensões relevantes dessa importante questão. A primeira é metodológica e relaciona-se à função da biografia como forma de problematizar discursos, narrativas e fontes. A segunda tem caráter teórico e trata da relação entre agente e estrutura. Os dois aspectos estão no centro das preocupações das ciências sociais.

O primeiro aprendizado que a biografia como método pode trazer é no tema da credibilidade de fontes e na avaliação de vieses de percepção e motivações. A máxima “não acredite em tudo que

21 Como exemplos, ver Archer: 2007; Baena Soares: 2006; Barboza: 2002; Campos: 1994; Cunha: 2003; Lampreia: 2010; Spektor: 2010.

22 Sobre o desenvolvimento da disciplina, ver Breitenbauch e Wivel: 2004; Duroselle: 2000; Friedrichs: 2004; Hoffmann: 1977; Huang: 2007; Krippendorff: 1987; Rosenau: 1990; Telò: 2009; Waever: 1998.

“você lê” é um guia adequado se significar um saudável ceticismo diante de nossas fontes. Isso decorre de as biografias não serem um reflexo real do passado. É essa uma das razões que explica não só choques entre fontes secundárias distintas, mas igualmente flagrantes contradições. Tais situações podem decorrer, primeiramente, das limitações de fontes. Em alguns casos, novos documentos podem lançar luz sobre aspectos anteriormente ignorados. Outra questão é a motivação dos autores e o arcabouço teórico utilizado.

O segundo aprendizado que a biografia oferece na sala de aula é a compreensão sobre o impacto de causa e efeito que indivíduos têm sobre o mundo em que vivem e o papel que estruturas políticas, econômicas, culturais e sociais exercem sobre a ação deles. Na literatura teórica de ciências sociais, essa questão é definida como o problema de agência e estrutura e sua compreensão é aspecto essencial a ser lecionado aos estudantes. Na disciplina de Relações Internacionais, um dos textos de síntese sobre a questão é o publicado por Alexander Wendt em 1987.²³

D. João VI

Um bom exemplo biográfico a ser utilizado na sala de aula para discutir as questões apresentadas acima é a vida de D. João VI, particularmente no período que vai de março de 1802, com a chegada do embaixador francês Jean Lannes em Lisboa, até novembro de 1807, quando a corte portuguesa toma a radical decisão de trasladar-se para o Brasil. A Europa vivia a tensão das Guerras Napoleônicas, que engolfariam não só o território que vai de Lisboa até Moscou como o espaço colonial europeu.

As diversas biografias existentes permitem estudantes confrontarem, diante de um mesmo conjunto de fontes, interpretações completamente opostas sobre um mesmo indivíduo. Do laudatório quadro traçado por Oliveira Lima, no início do século XIX, até a recente contribuição de Jorge Pedreira e Fernando Costa, há grande diversidade de visões sobre a ação diplomática do então príncipe regente.²⁴ Ele é considerado, nas dezenas de trabalhos publicados, de estadista cauteloso e calculista a glutão desajeitado e covarde. Essa diversidade analítica oferece ao aluno a oportunidade de examinar como crenças, recortes temporais, fontes e julgamentos afetam inevitavelmente o trabalho acadêmico, não existindo a simples reprodução do “passado”. Isso fica particularmente claro se confrontarmos a evolução das historiografias portuguesas e brasileiras. No primeiro caso, temos um rei que abandonou o seu país em um momento crítico, permanecendo afastado mesmo quando a invasão francesa já terminara. No segundo, temos um rei que criou um aparato estatal robusto, além de melhorias em vários domínios do cotidiano, um processo único na história da América Latina.

Um dos principais aspectos examinados na literatura teórica de relações internacionais é a questão de distribuição de poder no sistema internacional e os mecanismos de *balancing* e *bandwagon* na composição de alianças.²⁵ A biografia de D. João VI permite examinar como o processo decisório doméstico confronta pressões de alianças externas. Com efeito, desde o final do século XVIII Lisboa

23 Wendt: 1987.

24 Pedreira e Costa: 2009; Lima: 1996.

25 Sobre alianças no período, ver o clássico Schroeder: 1994.

via-se pressionada a apoiar, de um lado, a França, e de outro, a Inglaterra. Após novembro de 1806, com a decretação do Bloqueio Continental por Napoleão, contudo, a situação piorou sensivelmente. De um lado, os franceses ameaçavam com uma invasão e o fim da dinastia dos Braganças no trono; de outro, os ingleses indicavam que um eventual bloqueio comercial por parte de Portugal ocasionaria prejuízos à sua frota marítima e às suas colônias. Todas questões tinham ramificações em problemas domésticos e externos que iam do relacionamento bilateral com a Espanha até os acordos bilaterais de comércio celebrados por Lisboa.

Nesse contexto, havia graves pressões estruturais do sistema internacional sobre o governo português e a análise da biografia do príncipe regente permite examinar qual é a capacidade de agência do indivíduo diante de constrangimentos na política externa. Para exame em sala de aula, o caso ainda permite um diálogo entre a teoria neorrealista e Kenneth Waltz e o que hodiernamente se denomina realismo neoclássico. Por um lado, Waltz apresenta um sofisticado arcabouço que não pretende ser uma teoria de política externa; de outro, os neoclássicos apontam, em um esforço de síntese, que o indivíduo tem potencialmente autonomia na forma de mediar as tensões do sistema internacional sobre a política externa dos Estados.²⁶ A biografia permite, assim, trabalhar tais teorias em um caso mais próximo dos alunos brasileiros, o que certamente enriquece o aprendizado.

Referências Bibliográficas

- ARCHER, Renato. *Renato Archer: diálogo com o tempo*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2007.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Traçando destinos: desafios narrativos e éticos da biografia histórica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.176, n. 466, p. 87-120. 2015.
- BAENA SOARES, João Clemente. *João Clemente Baena Soares: sem medo da diplomacia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BARBOZA, Mario Gibson. *Na diplomacia, o traço todo da vida (2ª edição, revista e ampliada)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.
- BERTAUX, Daniel. Introduction. In: Bertaux, Daniel. *Biography and society. The life history approach in the social sciences*. Los Angeles: SAGE, 1981. p. 5-15.
- BESSNER, Daniel e GUILHOT, Nicolas. How realism Waltzed Off: liberalism and decisionmaking in Kenneth Waltz's neorealism. *International Security*, v.40, n. 2, p. 87-118. 2015.
- BREITENBAUCH, H. O. e WIVEL, A. Understanding national IR disciplines outside the United States: political culture and the construction of International Relations in Denmark. *Journal of International Relations and Development*, v.7, n. 4, p. 414-43. 2004.
- CAMPOS, Roberto de Oliveira. *A lanterna na popa: memórias*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.
- CARR, Edward Hallett. *The twenty years' crisis, 1919-1939; an introduction to the study of international relations*. London,: Macmillan & co. ltd, 1946.

²⁶ Waltz: 1979; Lobell, Ripsman et al.: 2009; Rose: 1998.

- CHAMBERLAYNE, Prue, BORNAT, Joanna, *et al.* Introduction: the biographical turn. In: Chamberlayne, Prue, Bornat, Joanna, *et al.* *The turn to biographical methods in social science: comparative issues and examples*. London: Routledge, 2000. p. 1-30.
- CUNHA, Vasco Leitão da. *Diplomacia em alto-mar: depoimento ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.
- ELDER-VASS, Dave. *The causal power of social structures: emergence, structure and agency*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- FEBVRE, Lucien Paul Victor. *Combats pour l'histoire*. Paris: A. Colin, 1992 [1953].
- FREYBERG-INAN, Annette. *What moves man: the realist theory of international relations and its judgment of human nature*. Albany: SUNY Press, 2004.
- FRIEDRICHS, Jorg (Ed.). *European approaches to international relations theory: a house with many mansions*. New York: Routledge, 2004.
- GEORGE, Alexander L e GEORGE, Juliette L. *Woodrow Wilson and Colonel House: a personality study*: Courier Corporation, 1964.
- GUENIFFEY, Patrice. *Bonaparte: 1769-1802*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2015.
- HERMANN, Margaret G., PRESTON, Thomas, *et al.* Who leads matters: the effects of powerful individuals. *International Studies Review*, v.3, n. 2, Summer, p. 83-131. 2001.
- HOFFMANN, S. An American social science: international relations. v.106, n. 3, p. 41-60. 1977.
- HUANG, X. The invisible hand: modern studies of international relations in Japan, China, and Korea. *Journal of International Relations and Development*, v.10, n. 2, p. 168-203. 2007.
- HUDSON, Valerie M. *Foreign policy analysis: classic and contemporary theory*. Lanhan: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.
- KOCHUYT, Thierry. Biographical and empiricistic illusions: a reply to recent criticism. In: Miller, Robert. *Biographical research methods. Volume IV*. London: Sage, 2005. p. 126-9.
- KOHLI, Martin. Biography: account, text, method. In: Miller, Robert. *Biographical research methods. Volume IV*. London: Sage, 2005. p. 59-71.
- KRIPPENDORF, Ekkehart. The dominance of American approaches in international relations. *Millenium: Journal of International Studies*, v.16, n. 2, p. 207-14. 1987.
- LAMPREIA, Luiz Felipe. *O Brasil e os ventos do mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- LECKIE, Shirley A. Biography matters: why historians need well-crafted biographies more than ever. In: Ambrosius, Lloyd E. *Writing biography: historians and their craft*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004. p. 1-26.
- LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. 3a. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- LOBELL, Steven E., RIPSAN, Norrin M., *et al.* *Neoclassical realism, the state and foreign policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MAIA, Emilio Joaquim da Silva. Elogio historico de José Bonifácio de Andrada e Silva. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. VIII, p. 116-43. 1846.

- MEIZOZ, Jérôme. Avant-propos. In: Kaenel, Philippe, Meizoz, Jérôme, *et al.* *La vie et l'oeuvre? Recherches sur le biographique*. Lausanne: Université de Lausanne, 2008. p. 3-8.
- MERRILL, Barbara e WEST, Linden. *Using biographical methods in social research*. Los Angeles: Sage, 2009.
- MORGENTHAU, Hans J. *Politics among nations; the struggle for power and peace*. 1st. New York: A. A. Knopf, 1948.
- O'NEILL, Maggie, ROBERTS, Brian, *et al.* Introduction. In: O'Neill, Maggie, Roberts, Brian, *et al.* *Advances in biographical methods: creative applications*. New York: Routledge, 2015. p. 1-7.
- PEDREIRA, Jorge e COSTA, Fernando Dores. *D. João VI, o clemente*. Lisboa: Temas e Debates, 2009.
- PIKETTY, Guillaume. La biographie comme genre historique? Étude de cas. *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, v.63, n. 1, p. 119-26. 1999.
- PILLORGET, René. La biographie comme genre historique. *Revue d'histoire diplomatique*, v.96, n. 1, p. 5-42. 1982.
- ROBERTS, Brian. Biographical research: past, present, future. In: O'Neill, Maggie, Roberts, Brian, *et al.* *Advances in biographical methods: creative applications*. New York: Routledge, 2015. p. 11-29.
- ROSE, Gideon. Neoclassical realism and theories of foreign policy. *World Politics*, v.51, n. 1, p. 144-72. 1998.
- ROSENAU, Pauline. Once again into the fray: international relations confronts the humanities. *Millennium: Journal of International Studies*, v.19, n. 1, p. 83-110. 1990.
- ROSSET, François. La biographie à l'épreuve de l'écriture. In: Kaenel, Philippe, Meizoz, Jérôme, *et al.* *La vie et l'oeuvre? Recherches sur le biographique*. Lausanne: Université de Lausanne, 2008. p. 9-26.
- RUSKIN, Michael. Reflections on the biographical turn in social science. In: Chamberlayne, Prue, Bornat, Joanna, *et al.* *The turn to biographical methods in social science: comparative issues and examples*. London: Routledge, 2000. p. 33-52.
- SCHROEDER, Paul W. *The transformation of European politics: 1763-1848*. Oxford: Carendon Press, 1994.
- SPEKTOR, Matias (Ed.) *Azeredo da Silveira: um depoimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2010.
- TELÒ, Mario. *International relations: a European perspective*. Farnham: Ashgate, 2009.
- VILLATTE, Laurent. La biographie en histoire des relations internationales. *Revue d'histoire diplomatique*, v.117, n. 4, p. 289-303. 2003.
- WAEVER, Ole. The Sociology of a Not So International Discipline: American and European Developments in International Relations. *International Organization*, v.52, n. 04, p. 687-727. 1998.
- WALTZ, Kenneth N. *Theory of international politics*. McGraw-Hill: New York, 1979.
- WALTZ, Kenneth Neal. *Man, the state and war: a theoretical analysis*. New York: Columbia University Press, 2001 [1959].
- WENDT, Alexander. The agent-structure problem in international relations theory. *International Organization*, v.41, n. 3, p. 335-70. 1987.
- WENGRAF, Tom, CHAMBERLAYNE, Prue, *et al.* A biographical turn in the social sciences? A British-European view. *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, v.2, n. 2, p. 245-69. 2002.